

## Panel 19: Performing Identities

1. Adan Jerreat-Poole, McMaster U [[jerreata@mcmaster.ca](mailto:jerreata@mcmaster.ca)]

### Unmake Happy: Bo Burnham's Madly Deviant DIY Identity Play

This paper explores DIY comedian Bo Burnham's playfully depressed comedy as a multimodal form of Mad life writing, one that articulates a resistant mode of living under and against sanist neoliberal narratives of self-improvement, cure, and prescriptive/restrictive happiness. Employing Mary Flanagan's (2009) theory of "critical play," this paper considers the transgressive potential of play and playfulness in emerging Mad digital autobiographical practices. Burnham is an active YouTuber and social media user, and his identity performances are therefore situated within an emerging set of web 2.0 life writing practices that entangle online and offline lives, rely on audience interaction and collaboration, and struggle to work with, through, against, and around normative and normalizing neoliberal digital structures. Social media platforms increasingly coax autobiographical acts as a method of transforming online lives into marketable/saleable products (Taylor 2014; Fuchs 2014; Morrison 2014). Depressive bodies, or bodies in the midst of a panic attack, are not productive capitalist tools, and these autobiographical acts are discouraged in spaces of online identity performance—even as the pressure to perform the self online produces mass anxiety, particularly among younger users (millennials) (McNeill and Zuern 2015). As millennial Bo Burnham plays with depression, anxiety, self-harm, and suicide in his highly performative and self-reflexive comedy, he embodies Ann Cvetkovich's (2012) call for creative practice as a mode of living with depression. Discussing two of his shows, *what.* (2013) and *Make Happy* (2016), I identify three potential tactics of madly resistant identity performance: 1) irony/satire, 2) play, and 3) new media. Through these tactics, Burnham enacts depressive agency by counter-storying dominant narratives of mental illness, critiquing sanist/ableist digital structures and practices, and embodying empathy and playfulness as modes of relating to and with Mad bodies. Mad social media users can adopt these modes of willful resistance in our own identity performances.

### Desfazer feliz: o espetáculo identitário loucamente desviante de Bo Burnham

Este artigo explora a comédia alegremente depressiva do comediante Bo Burnham como uma forma multimodal de escrita da vida Louca, a qual articula um modo resistente de viver sob e contra narrativas sanistas neoliberais de autoaperfeiçoamento, cura e felicidade prescritiva/restritiva. Empregando a teoria de Mary Flanagan (2009) de "brincadeira crítica", este artigo considera o potencial transgressivo da brincadeira e ludicidade em práticas autobiográficas digitais Loucas emergentes. Burnham é um usuário ativo do YouTube e mídias sociais; suas performances identitárias são, dessa forma, situadas dentro de um conjunto emergente de práticas de escrita da vida de web 2.0 que emaranham vidas online e offline, confiam na interação e colaboração do público e se esforçam para trabalhar com, através, contra e ao redor de estruturas digitais neoliberais normativas e normativizantes. Plataformas de mídias sociais pregam cada vez mais práticas autobiográficas como um método de transformar vidas online em produtos vendáveis (Taylor 2014; Fuchs 2014; Morrison 2014). Corpos depressivos ou corpos em meio a ataques de pânico não são ferramentas capitalistas produtivas e estas práticas autobiográficas são

desencorajados em espaços de performance identitária online - mesmo que a pressão de se apresentar online produza ansiedade em massa, especialmente entre usuários jovens (millennials) (McNeill and Zuern 2015). Como um millennial, Bo Burnham brinca com depressão, ansiedade, auto-destruição e suicídio em sua comédia altamente performática e auto reflexiva. Ele encarna a prática criativa, Ann Cvetkovich's (2012), como um modo de viver com a depressão. Discutindo dois de seus espetáculos, *what.* (2013) e *Make Happy* (2016), identifico três táticas em potencial de performances identitárias loucamente resistentes: 1) Ironia/sátira, 2) Brincadeira e 3) Novas mídias. Através destas táticas, Burnham -----narrativas dominantes de doenças mentais, criticando estruturas digitais e práticas sanistas/capacitistas e incorporando empatia e ludicidade como modos de se relacionar com corpos Loucos. Usuários Loucos de mídias sociais podem adotar estes modos de resistência determinada em suas próprias performances identitárias.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - [oliveiralucasvictor@gmail.com](mailto:oliveiralucasvictor@gmail.com)]

Adan is a PhD student in English and cultural studies at McMaster University in Hamilton, ON, Canada. Her work explores the intersection of Mad studies, auto/biography, and play. She is particularly interested in affect and embodiment in online spaces.

2. Harmony Law, York U [[harmo62@yorku.ca](mailto:harmo62@yorku.ca)]

“Don’t Freaking Act Here! This is Reality!”: Reality Web Series *Ultra Rich Asian Girls* as Digital Autoethnography

Kevin Li’s reality YouTube series *Ultra Rich Asian Girls*, featuring a cast of extraordinarily wealthy young Chinese Canadian women in Vancouver, British Columbia, has garnered controversy from its inception in 2014. The four young women featured in the first season of the show – Chelsea, Florence, Joy, and Coco – offer a tantalizing glimpse into the daily lives of the second generation of Canada’s Chinese model minority: one that has reaped the rewards from their parents’ efforts in Asia’s economic boom and earned criticism for its conspicuous consumption during a period of fear of potential backlash against Canadian multiculturalism. Although *Ultra Rich Asian Girls* falls outside the conceived scope of racialized or immigrant life-writing, this article argues that it still functions as a form of autoethnography, albeit within a new digital realm. Through its utilization of techniques and tropes from reality television, the series reveals the audience’s own voyeurism as consumers of an exoticized raced and gendered subject. Far from being a simple form of satire and objectification, *Ultra Rich Asian Girls* is also an example of subjectivity and agency, as the cast members work to create avatars of themselves to both each other and the viewers. However, as the series progresses, incongruities and discrepancies in a number of the women’s carefully tailored self-representations come to light: Florence’s family’s wealth is investigated for potential links to criminal activity, while Coco is accused of being a fraud by her fellow cast members. With these controversies, therefore, *Ultra Rich Asian Girls* serves as an example of the tensions between truth and fiction prevalent in today’s discussions about digital and television media. Thus, by understanding the series as a form of autoethnography, this article will also question assumptions of authenticity and veracity within the genre of life writing.

“Nenhuma maldita atuação aqui! Isto é realidade!”: o reality show virtual ‘Ultra Rich Asian Girls’ como autoetnografia digital

O reality show de YouTube de Kevin Li ‘Ultra Rich Asian Girls’ [Garotas asiáticas ultrarricas, em tradução livre], que conta com um elenco de jovens mulheres sino-canadenses extraordinariamente ricas em Vancouver, Colúmbia Britânica, tem acumulado controvérsia desde seu início em 2014. As quatro jovens que aparecem na primeira temporada do programa — Chelsea, Florence, Joy e Coco — oferecem um vislumbre tentador do cotidiano da segunda geração de minoria modelo chinesa do Canadá: uma que tem colhido os frutos dos esforços de seus pais na explosão econômica da Ásia e reuniu críticas por seu consumo notório durante um período de temor por uma possível reação contra o multiculturalismo canadense. Embora ‘Ultra Rich Asian Girls’ esteja fora do escopo concebido de escrita de vida imigrante ou racial, este artigo argumenta que o programa ainda funciona como uma forma de autoetnografia, embora num novo reino digital. Através de sua utilização de técnicas e alegorias da realidade televisionada, a série revela o voyeurismo do próprio público como consumidor de uma raça exotizada e de um tema sexista. Longe de ser uma forma simples de sátira e objetificação, ‘Ultra Rich Asian Girls’ é também um exemplo de subjetividade e atividade, já que os membros do elenco trabalham para criar avatares de si mesmas tanto para os espectadores quanto entre elas. Contudo, no decorrer da série, diversas incongruências e discrepâncias nas autorrepresentações cuidadosamente projetadas das mulheres vêm à tona: A fortuna da família de Florence é investigada por possíveis conexões com atividade criminal, enquanto Coco é acusada de ser uma fraude por suas colegas de elenco. Com estas controvérsias, portanto, ‘Ultra Rich Asian Girls’ serve como um exemplo das tensões entre verdade e ficção prevaletentes nas atuais discussões sobre mídias digitais e televisivas. Deste modo, ao compreender o programa como uma forma de autoetnografia, este artigo questionará também premissas de autenticidade e veracidade dentro do gênero de escrita de vida.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - [oliveiralucasvictor@gmail.com](mailto:oliveiralucasvictor@gmail.com)]

Harmony Law is a PhD candidate in the Department of Humanities at York University. Coming from a diverse academic background in linguistics, religion, and cultural translation studies, her current interest is in Canadian multiculturalism and the artistic and literary expressions it has produced. A strong believer in the reality and significance of individual human experience and its articulations, her present dissertation project focuses on Chinese Canadian life-writing as a lens to examine both the permutations and criticisms of the model minority discourse.

3. Kate Browne, Illinois State U [[katebrowne09@gmail.com](mailto:katebrowne09@gmail.com)]

“You Bite It, You Write It:” Confession in Compulsory Diet Discourse

When my aunt died last year, she left behind over one hundred diet books. This inheritance, which included not only diet books but also handwritten calorie counts, food journals, marginalia, and weight tracking documents, became an archive that provided important primary sources that aided my dissertation research on confession in weight loss memoir. It also complicated my position as a life writing researcher, bringing to the foreground my own complex, multi-generational history with compulsory diet discourse. In this presentation, I focus

specifically on how Weight Watchers, a commercial weight loss program, offers specific instruction in using confession in life writing as self-discipline. I will also share some of my personal archive of food journaling and weight loss blogging to show how Weight Watchers taught me how to write my fat life.

Você come, você conta: confissão no discurso da dieta obrigatória

Quando minha tia morreu no ano passado, ela deixou para trás mais de mil livros de dieta. Essa herança – que incluía não apenas tais volumes, mas também contagens de calorias escritas à mão, diários alimentares, anotações e documentos de controle de peso – veio a ser um acervo que forneceu importantes fontes primárias para minha pesquisa de dissertação sobre o papel da confissão em memórias sobre perda de peso. Essa herança também dificultou a minha posição como pesquisadora da escrita da vida, trazendo à tona a minha própria história, complexa e multigeracional, com o discurso da dieta obrigatória. Nesta apresentação, eu foco especificamente na forma que o ‘Weight Watchers’ [‘Vigilantes do Peso’ no Brasil], um programa comercial de perda de peso, apresenta instruções específicas para usar confissões na escrita da vida como uma forma de autodisciplina. Também compartilharei parte do meu próprio acervo pessoal de diários alimentares e textos sobre perda de peso para mostrar de que maneira o ‘Weight Watchers’ me ensinou como registrar minha vida de gorda.

[Traduzido por Clarice Dominguez - [clarice.dominguez@gmail.com](mailto:clarice.dominguez@gmail.com)]

Kate Browne is a PhD candidate at Illinois State University specializing in women’s life writing, disability life writing, and auto/biographical representations of body size. Her dissertation focuses on the function of weight loss memoir in the US as a biopolitical technology.